

## 4 Conclusão

Este estudo nos permitiu identificar a aceitação como o modelo canônico de comportamento idealizado pelos falantes nativos cariocas para reagir a elogios em situações ordinárias de interação. Verificou-se, tanto pelas informações obtidas por meio dos questionários quanto pelas que foram obtidas por meio das gravações, que esta reação foi considerada como mais adequada para praticamente todos os tópicos e em todos os tipos de contextos situacionais apresentados, tanto pelos os homens como pelas as mulheres.

Embora a aceitação tenha figurado como a principal postura diante dos elogios apresentados nos questionários, pôde-se observar que a mesma só ocorreu de forma total, para os homens e mulheres, em algumas categorias e sob determinadas condições. Assim, verificou-se que homens e mulheres coincidiram na aceitação total apenas nas seguintes situações de elogios: a) aparência física, quando os elogios partiram de pessoas próximas, do sexo oposto; b) habilidade, apenas no tópico eloquência, com elogio de pessoa próxima, e, finalmente, c) na categoria posse, quando os elogios partiram de elogiador do sexo oposto. As mulheres ainda aceitaram totalmente os elogios sobre as seguintes categorias e condições: d) aparência física e posse, com elogio vindo de elogiador do mesmo sexo; e) habilidade – eloquência – com elogio vindo de elogiador com alto grau de distanciamento social, e f) característica da personalidade – simpatia – com elogio vindo também de elogiador com alto grau de distanciamento social. Por essa razão, consideramos que esses dados analisados podem traduzir uma diferença de postura entre homens e mulheres, com uma maior disponibilidade destas para aceitar elogios. Essa constatação vem, dessa forma, ratificar a afirmação de Holmes (1996) sobre a maior ocorrência de aceitação de elogios entre as mulheres.

Consideramos importante salientar que, embora os aspectos gênero do elogiador e distância social tenham ocasionado mudanças nas escolhas de alguns comportamentos, não se mostraram suficientemente relevantes para alterar a principal postura de aceitação adotada pelos informantes para reagir aos elogios.

A análise das principais formas escolhidas para reagir aos elogios mostrou também uma preferência pelo uso da estrutura com agradecimento simples – ‘Obrigada/o’ - como a forma de resposta mais adequada para expressar a aceitação e apontou as atitudes de

indiferença - pela ausência de respostas - e de discordância direta como as formas menos adequadas de reação.

Ainda sobre as mulheres, observou-se que, embora as mesmas tenham se mostrado mais receptivas a alguns tipos de elogios, revelaram-se mais retraídas para responder aos elogios masculinos, preferindo o uso das estruturas linguísticas menos marcadas, enquanto os homens se mostraram mais descontraídos e mais interativos, diante dos elogios femininos, buscando as estruturas mais marcadas para respondê-los. Entretanto, ambos se mostraram mais reservados para elogios vindos de elogiador com alto grau de distância social. Esses fatos podem indicar a influência dos aspectos sexo do elogiador e distância social nas escolhas dos tipos de respostas para reagir a esses elogios.

A partir da análise dos dados obtidos por meio das gravações, observou-se que a resposta simples com agradecimento – ‘*Obrigado/a*’ apresentou-se como forma preferida pelos elogiados que mantinham um alto grau de distância social com o elogiador, ao passo que os elogiados próximos do elogiador preferiram fazer um comentário sobre o objeto elogiado. A comparação entre os resultados desses dados e daqueles obtidos por meio dos questionários não mostrou diferença na escolha da postura para responder os elogios, ou seja, em ambos os casos, o padrão foi a aceitação. Diante do exposto, consideramos possível interpretar esses resultados, em primeiro lugar, como o reflexo de uma cultura orientada pela máxima da aprovação (LEECH, 1983, apud WILSON, 2008), em que se evita a censura e busca-se maximizar o elogio do outro. Entendemos que esta orientação de polidez possibilita uma valorização da prática do elogio, o que justificaria o grande índice de aceitação encontrado. Acreditamos, ainda, que a indicação da indiferença e da discordância direta como as piores posturas para reagir a elogios, além de reforçarem nosso entendimento sobre a valorização dos mesmos como práticas sociais, pode representar uma ênfase na máxima do acordo (idem), assim como uma indicação da importância da manutenção de solidariedade na interação. Desse modo, relacionando esse resultado ao dilema de Pomerantz (1978, apud LORENZO-DUS, 2001), pode-se sugerir que o carioca privilegia a concordância com seu interlocutor, em detrimento da atitude de modéstia para evitar o autoelogio. Sobre a questão da modéstia, especificamente, embora não tenha sido verificado o uso de estratégias com autodesmerecimento para responder os elogios, observou-se a evitação de respostas que demonstrassem autoelogio explícito. Embora cientes do caráter preliminar deste estudo, consideramos que as informações básicas sobre o comportamento canônico do carioca para reagir a elogios, apresentadas

até aqui, são suficientes para começarmos a pensar sobre o ensino das regras pragmáticas que envolvem o ato de fala elogio. Apesar dos questionamentos acerca da eficiência do ensino do uso pragmático de línguas e das reflexões sobre o melhor método a ser adotado, diversos estudos sobre esse ponto do ensino de LE/L2 têm apresentado resultados positivos (cf. HISHIHARA, 2004). Como vimos anteriormente, é frequente a transferência das regras pragmáticas da língua materna para a língua estrangeira, o que torna necessária a instrução a esse respeito, durante o processo de ensino-aprendizagem de uma LE/L2. Julgamos, entretanto, que a instrução sobre o uso das regras da língua alvo deve ancorar-se não apenas nas questões pragmatolinguísticas, mas também nas questões sociopragmáticas, por serem estas as que oferecem mais riscos de constrangimentos por choques culturais (WOLFSON, 1990).

Sendo assim, visando ao desenvolvimento das habilidades pragmáticas dos aprendizes de PL2E para o uso dos atos de fala elogio/resposta a elogio, sugerimos, como primeiro passo a ser dado pelos profissionais envolvidos neste tipo de ensino, a exposição desses alunos a situações em que esses atos de fala ocorram, sejam elas por meio de textos ou vídeos que representem cenas cotidianas da cultura brasileira, por exemplo. A partir desse primeiro contato, os alunos podem ser levados a comentar as reações vistas, comparando-as às formas mais comuns que seriam encontradas em suas próprias culturas, respeitando, obviamente, o nível de proficiência em que eles se encontrem. Essas observações podem variar desde um simples comentário sobre aceitar ou não o elogio a discussões mais elaboradas sobre opiniões pessoais a respeito. Acreditamos que o objetivo principal deste primeiro contato deva ser o despertar da consciência dos aprendizes para a ocorrência de padrões de comportamento diferentes dos encontrados em suas próprias culturas, assim como para a necessidade do conhecimento dos padrões da nova cultura onde os mesmos desejam começar a interagir. A partir de então, as atividades sobre elogios sugeridas em sala de aula devem buscar variedades de contextos situacionais, tópicos e relações sociais, assim como de expressões linguísticas que possam servir adequadamente a cada um desses aspectos. Como exemplo de atividade, sugerimos a produção de textos (orais e/ou escritos), a partir de cenas apresentadas em vídeos de propaganda, programas de televisão ou trechos de filmes sem som, em que os aprendizes tenham de criar possíveis situações de elogios e de respostas para os mesmos, que posteriormente serão confrontadas com as originais do material.

Consideramos que a identificação da forma canônica do comportamento carioca para reagir a elogios, apresentada neste trabalho, pode ser considerada relevante por se caracterizar como a primeira etapa na busca de um conhecimento consciente acerca das regras de uso desse ato de fala. Conforme alguns estudos atestaram (WOLFSON, 1990), a condição de falante nativo não garante, necessariamente, ao indivíduo o conhecimento teórico sobre as regras sociolinguísticas de interação, pois geralmente o mesmo sequer tem consciência delas. Como entendemos que esse ato de fala se encontra num terreno fértil da língua portuguesa que precisa ser bem conhecido para que possa ser ensinado de maneira competente, e pela pouca produção acadêmica disponível a esse respeito, julgamos conveniente trazê-lo à tona para análise, partindo do ponto onde se sedimentam suas regras, ou seja, do imaginário de comportamento dos falantes nativos dessa língua. Esperamos, assim, que este estudo possa auxiliar, de alguma forma, futuras pesquisas que podem surgir, por se tratar de um tema rico e importante dentro da estrutura sociolinguística e cultural do PB.

A intensa comunicação intercultural provocada pela modernidade já exigiu a definição de uma língua franca, por meio da qual interlocutores de qualquer parte do mundo pudessem atuar. Entretanto, ainda que esse incessante contato possa gerar mudanças nas línguas de origem desses falantes, não será suficiente para provocar o surgimento de uma língua única. Sendo assim, é possível que a exigência desse contato intercultural faça surgir também a definição de um padrão de *comportamento franco*, por meio do qual os interactantes possam agir com um mínimo de risco de mal-entendidos. Especulações à parte, consideramos que o caminho aberto por essa interculturalidade não tem retorno, e o mundo sem fronteiras que o futuro parece nos acenar exige, cada vez mais, que o homem busque, antes de tudo, uma melhor compreensão de si, para poder tentar melhor compreender o outro e, enfim, tornar suas relações possíveis. Consideramos, assim, que esta foi principal motivação deste trabalho: participar desta caminhada, ainda que com um modesto passo.